

{k0} - 2024/10/10 Notícias de Inteligência ! (pdf)

Autor: symphonyinn.com Palavras-chave: {k0}

Joe Boyd: a Vast Volume of Music History

O produtor musical renomado Joe Boyd foi o primeiro gerente de produção a conectar Bob Dylan a um violão elétrico, no festival de folk de Newport {k0} 1965. Ele se lembra de Pete Seeger se afastando com desgosto. Quando entrevistou Boyd meio século depois, ele disse, para minha surpresa, que havia chegado a entender a resposta de Seeger. A coleção de discos de Boyd era uma pista do porquê: amplamente arranjada {k0} ordem alfabética por país, distante e amplo. Índia, Indonésia, Irã...

Após produzir Pink Floyd, Eric Clapton, Fairport Convention, Nick Drake etc, Boyd direcionou {k0} atenção para a música além do horizonte, derivada dos rituais e raízes de quem a faz. O culminar da jornada vitalícia de Boyd {k0} busca de tal música é este volume vasto, {k0} que cada parágrafo está repleto de informações e inspiração - mas escrito com um toque leve refrescante.

Em quanto a música é uma expressão do mundo humano - nossas aspirações, tribulações e celebrações - este é um história desse mundo, contada através da música. E embora a música possa derivar da herança, ela é, por definição, " *sem fronteiras* ", e o livro explora "como ritmos, escalas e melodias fluíram pelo globo, constantemente alterando o que o mundo dançava e ouvia". Especialmente através do Passage do meio do Atlântico: um fio condutor explica como muita grande música foi criada {k0} defiance dos horrores brutais da colonialismo e escravidão. Caetano Veloso (esquerda, sentado) e Gilberto Gil, 1977.

Depois que Cuba se tornou o eixo das Américas colonizadas, "a música afro-cubana repercutiu {k0} todas as direções". A *zaraband* e *chaconne*, "marcadas como importações lascivas 'Negro' quando primeiro ouvidas {k0} Sevilha", foram "transformadas {k0} modelos polite apropriados para Bach e Handel". Mais tarde, {k0} Nova Orleans, "forças múltiplas estavam se reunindo... para criar a trilha sonora da primeira metade do século 20 do hemisfério ocidental". Inovações europeias baseadas {k0} experimentos harmônicos encontraram polirritmos novos para eles, mas séculos velhos na África. O que a Europa chamava de síncope havia sido, desde então, uma "maneira africana de perceber tempo". A descrição de Boyd de Dizzy Gillespie cruzando esse "abismo de ritmo" é eletrificante.

Um inventário de instrumentos musicais no Brasil é "quase tão longo" quanto o de 134 respostas a um censo de 1976 perguntando a pessoas para definirem {k0} cor de pele. Quando a tradição do Carnaval (*carne vale* - adeus carne, para a Quaresma) começou nos anos 1890, "as autoridades brasileiras tentaram manter um lid nas africanos se juntando demais exuberantemente". Da mesma forma, os generais, quando se trata de música Tropicália após o golpe de 1964: Gilberto Gil e Caetano Veloso foram presos, então fugiram para se enquadrarem {k0} Notting Hill.

Joe Boyd.

Há "escalas, melodias, ritmos, instrumentos e contos populares todos girando {k0} volta desse vórtice atlântico-médio", escreve Boyd. Ele cita o maravilhoso baterista nigeriano Tony Allen, depois de ouvir bebop: "Nós deveríamos ter estado tocando... assim na Nigéria. Depois de tudo, isso originalmente veio de lá. Eles levaram, foram para as Américas, poliram e enviaram de volta para nós na África." "O diálogo", acrescenta, "era quase inteiramente entre africanos e seus primos distantes, cujos antepassados haviam sido levados {k0} correntes dessas mesmas terras. Seus descendentes haviam impulsionado e provocado o 'mundo desenvolvido' {k0} modernidade

musical; agora era a vez da África."

A música de Ravi Shankar dominou as escalas modais indianas nas quais "a sequência de notas usadas enquanto sobe sempre difere das usadas no caminho para baixo" e que não estão limitadas a o que a música ocidental chama de tons inteiros ou meio-tons. Quando chegaram a Nova York, John Coltrane infundiu My Favorite Things com modos indianos e seu épico India foi "baseado {k0} uma melodia folclórica Rajasthani". Shankar cativou o Ocidente, encontrou-se com George Harrison e Yehudi Menuhin, mudando a vida deles e a música muito além deles.

Um capítulo explorando a música russa e do leste europeu encontra Boyd no festival de Koprivshitsa na Bulgária: "um espetáculo impressionante: tão longe quanto eu podia ver, havia florestas e prados cheios de multidões {k0} roupas tradicionais coloridas selvagens. Oito palcos estavam espalhados pelo platô, cada um representando uma diferente distrito." Mas no retorno de Boyd a Koprivshitsa após a queda do comunismo, "bandas de casamento tocavam um híbrido de batidas simplificadas sérvias e Thracian {k0} um volume ensurdecedor".

A decepção cita um tema importante no pensamento de Boyd, pós-Newport. Todo o livro, ele é parte de {k0} história. E como escritor e produtor, ele insiste que a música deve ser executada e ouvida com o mínimo de transporte tecnológico. Quando produz a banda búlgara Balkana, ele convence os cantores a se reunirem {k0} torno de um único microfone, porque "harmonias se misturam muito melhor no ar do que {k0} transistores de uma mesa de mistura". Durante a conclusão do livro, refletindo sobre como a música informa a memória, Boyd protesta que "um ritmo gerado por computador se sente completamente diferente de um criado {k0} tempo real por humanos".

A música {k0} livro de Boyd é frequentemente um meio de sedução, e às vezes libertação carnal do puritanismo, principalmente Protestante ou Muçulmano. Mas a música carnal, e música da terra, também alcançam o sublime: Boyd encontra música expressando sincretismo entre crenças religiosas - Afro-Cubanos, brasileiros da Bahia e escravos no sul americano "encontrando paralelos convenientes entre Santos cristãos e seus próprios Deuses", com espiritualidade fácil, mas complexidade musical.

Acima de tudo, este livro é sobre música como alívio da opressão. Na África do Sul, "com todos os esforços para amenizar a dureza do governo branco frustrados, o canto se tornou a expressão da raiva, esperança, miséria e alegria africana... o canto se tornou a arma de escolha". Boyd cita Hugh Masekela: "O governo desprezava nossa alegria." Contrariamente, a URSS precisava destruir a música folk profunda precisamente porque constituía a identidade camponesa: "ninfas da floresta se transformaram {k0} tratores... A solução soviética foi drenar toda a vida de formas musicais que não podiam compreender."

Um dos carcereiros de Veloso disse-lhe que "ele considerava as desconstruções dos Tropicálistas uma ameaça muito maior do que qualquer agitação de esquerda". "Exhibit A", escreve Boyd, "em caso de resiliência humana diante de horror inconcebível, para {k0} capacidade de criar beleza {k0} face da monstruosidade, são os sons extraordinários criados por músicos congolezes enquanto {k0} terra era sendo saqueada."

O livro de Boyd é, portanto, o Proust da história da música - *à la recherche* de muita música perdida, aqui recuperada e afirmada {k0} nosso presente.

Partilha de casos

Joe Boyd: a Vast Volume of Music History

O produtor musical renomado Joe Boyd foi o primeiro gerente de produção a conectar Bob Dylan a um violão elétrico, no festival de folk de Newport {k0} 1965. Ele se lembra de Pete Seeger se afastando com desgosto. Quando entreviste Boyd meio século depois, ele disse, para minha surpresa, que havia chegado a entender a resposta de Seeger. A coleção de discos de Boyd era uma pista do porquê: amplamente arranjada {k0} ordem alfabética por país, distante e amplo.

Índia, Indonésia, Irã...

Após produzir Pink Floyd, Eric Clapton, Fairport Convention, Nick Drake etc, Boyd direcionou {k0} atenção para a música além do horizonte, derivada dos rituais e raízes de quem a faz. O culminar da jornada vitalícia de Boyd {k0} busca de tal música é este volume vasto, {k0} que cada parágrafo está repleto de informações e inspiração - mas escrito com um toque leve refrescante.

Em quanto a música é uma expressão do mundo humano - nossas aspirações, tribulações e celebrações - este é um história desse mundo, contada através da música. E embora a música possa derivar da herança, ela é, por definição, " *sem fronteiras* ", e o livro explora "como ritmos, escalas e melodias fluíram pelo globo, constantemente alterando o que o mundo dançava e ouvia". Especialmente através do Passage do meio do Atlântico: um fio condutor explica como muita grande música foi criada {k0} defiance dos horrores brutais da colonialismo e escravidão. Caetano Veloso (esquerda, sentado) e Gilberto Gil, 1977.

Depois que Cuba se tornou o eixo das Américas colonizadas, "a música afro-cubana repercutiu {k0} todas as direções". A *zaraband* e *chaconne*, "marcadas como importações lascivas 'Negro' quando primeiro ouvidas {k0} Sevilha", foram "transformadas {k0} modelos polite apropriados para Bach e Handel". Mais tarde, {k0} Nova Orleans, "forças múltiplas estavam se reunindo... para criar a trilha sonora da primeira metade do século 20 do hemisfério ocidental". Inovações europeias baseadas {k0} experimentos harmônicos encontraram polirritmos novos para eles, mas séculos velhos na África. O que a Europa chamava de síncope havia sido, desde então, uma "maneira africana de perceber tempo". A descrição de Boyd de Dizzy Gillespie cruzando esse "abismo de ritmo" é eletrificante.

Um inventário de instrumentos musicais no Brasil é "quase tão longo" quanto o de 134 respostas a um censo de 1976 perguntando a pessoas para definirem {k0} cor de pele. Quando a tradição do Carnaval (*carne vale* - adeus carne, para a Quaresma) começou nos anos 1890, "as autoridades brasileiras tentaram manter um lid nas africanos se juntando demais exuberantemente". Da mesma forma, os generais, quando se trata de música Tropicália após o golpe de 1964: Gilberto Gil e Caetano Veloso foram presos, então fugiram para se enquadrarem {k0} Notting Hill.

Joe Boyd.

Há "escalas, melodias, ritmos, instrumentos e contos populares todos girando {k0} volta desse vórtice atlântico-médio", escreve Boyd. Ele cita o maravilhoso baterista nigeriano Tony Allen, depois de ouvir bebop: "Nós deveríamos ter estado tocando... assim na Nigéria. Depois de tudo, isso originalmente veio de lá. Eles levaram, foram para as Américas, poliram e enviaram de volta para nós na África." "O diálogo", acrescenta, "era quase inteiramente entre africanos e seus primos distantes, cujos antepassados haviam sido levados {k0} correntes dessas mesmas terras. Seus descendentes haviam impulsionado e provocado o 'mundo desenvolvido' {k0} modernidade musical; agora era a vez da África."

A música de Ravi Shankar dominou as escalas modais indianas nas quais "a sequência de notas usadas enquanto sobe sempre difere das usadas no caminho para baixo" e que não estão limitadas a o que a música ocidental chama de tons inteiros ou meio-tons. Quando chegaram a Nova York, John Coltrane infundiu My Favorite Things com modos indianos e seu épico India foi "baseado {k0} uma melodia folclórica Rajasthani". Shankar cativou o Ocidente, encontrou-se com George Harrison e Yehudi Menuhin, mudando a vida deles e a música muito além deles.

Um capítulo explorando a música russa e do leste europeu encontra Boyd no festival de Koprivshitsa na Bulgária: "um espetáculo impressionante: tão longe quanto eu podia ver, havia florestas e prados cheios de multidões {k0} roupas tradicionais coloridas selvagens. Oito palcos estavam espalhados pelo platô, cada um representando uma diferente distrito." Mas no retorno de Boyd a Koprivshitsa após a queda do comunismo, "bandas de casamento tocavam um híbrido de batidas simplificadas sérvias e Thracian {k0} um volume ensurdecedor".

A decepção cita um tema importante no pensamento de Boyd, pós-Newport. Todo o livro, ele é

parte de {k0} história. E como escritor e produtor, ele insiste que a música deve ser executada e ouvida com o mínimo de transporte tecnológico. Quando produz a banda búlgara Balkana, ele convence os cantores a se reunirem {k0} torno de um único microfone, porque "harmonias se misturam muito melhor no ar do que {k0} transistores de uma mesa de mistura". Durante a conclusão do livro, refletindo sobre como a música informa a memória, Boyd protesta que "um ritmo gerado por computador se sente completamente diferente de um criado {k0} tempo real por humanos".

A música {k0} livro de Boyd é frequentemente um meio de sedução, e às vezes libertação carnal do puritanismo, principalmente Protestante ou Muçulmano. Mas a música carnal, e música da terra, também alcançam o sublime: Boyd encontra música expressando sincretismo entre crenças religiosas - Afro-Cubanos, brasileiros da Bahia e escravos no sul americano "encontrando paralelos convenientes entre Santos cristãos e seus próprios Deuses", com espiritualidade fácil, mas complexidade musical.

Acima de tudo, este livro é sobre música como alívio da opressão. Na África do Sul, "com todos os esforços para amenizar a dureza do governo branco frustrados, o canto se tornou a expressão da raiva, esperança, miséria e alegria africana... o canto se tornou a arma de escolha". Boyd cita Hugh Masekela: "O governo desprezava nossa alegria." Contrariamente, a URSS precisava destruir a música folk profunda precisamente porque constituía a identidade camponesa: "ninfas da floresta se transformaram {k0} tratores... A solução soviética foi drenar toda a vida de formas musicais que não podiam compreender."

Um dos carcereiros de Veloso disse-lhe que "ele considerava as desconstruções dos Tropicálistas uma ameaça muito maior do que qualquer agitação de esquerda". "Exibit A", escreve Boyd, "em caso de resiliência humana diante de horror inconcebível, para {k0} capacidade de criar beleza {k0} face da monstruosidade, são os sons extraordinários criados por músicos congolezes enquanto {k0} terra era sendo saqueada."

O livro de Boyd é, portanto, o Proust da história da música - *à la recherche* de muita música perdida, aqui recuperada e afirmada {k0} nosso presente.

Expanda pontos de conhecimento

Joe Boyd: a Vast Volume of Music History

O produtor musical renomado Joe Boyd foi o primeiro gerente de produção a conectar Bob Dylan a um violão elétrico, no festival de folk de Newport {k0} 1965. Ele se lembra de Pete Seeger se afastando com desgosto. Quando entreviste Boyd meio século depois, ele disse, para minha surpresa, que havia chegado a entender a resposta de Seeger. A coleção de discos de Boyd era uma pista do porquê: amplamente arranjada {k0} ordem alfabética por país, distante e amplo. Índia, Indonésia, Irã...

Após produzir Pink Floyd, Eric Clapton, Fairport Convention, Nick Drake etc, Boyd direcionou {k0} atenção para a música além do horizonte, derivada dos rituais e raízes de quem a faz. O culminar da jornada vitalícia de Boyd {k0} busca de tal música é este volume vasto, {k0} que cada parágrafo está repleto de informações e inspiração - mas escrito com um toque leve refrescante.

Em quanto a música é uma expressão do mundo humano - nossas aspirações, tribulações e celebrações - este é um história desse mundo, contada através da música. E embora a música possa derivar da herança, ela é, por definição, " *sem fronteiras* ", e o livro explora "como ritmos, escalas e melodias fluíram pelo globo, constantemente alterando o que o mundo dançava e ouvia". Especialmente através do Passage do meio do Atlântico: um fio condutor explica como muita grande música foi criada {k0} defiance dos horrores brutais da colonialismo e escravidão. Caetano Veloso (esquerda, sentado) e Gilberto Gil, 1977.

Depois que Cuba se tornou o eixo das Américas colonizadas, "a música afro-cubana repercutiu

{k0} todas as direções". A *zaraband* e *chaconne*, "marcadas como importações lascivas 'Negro' quando primeiro ouvidas {k0} Sevilha", foram "transformadas {k0} modelos polite apropriados para Bach e Handel". Mais tarde, {k0} Nova Orleans, "forças múltiplas estavam se reunindo... para criar a trilha sonora da primeira metade do século 20 do hemisfério ocidental". Inovações europeias baseadas {k0} experimentos harmônicos encontraram polirritmos novos para eles, mas séculos velhos na África. O que a Europa chamava de síncope havia sido, desde então, uma "maneira africana de perceber tempo". A descrição de Boyd de Dizzy Gillespie cruzando esse "abismo de ritmo" é eletrificante.

Um inventário de instrumentos musicais no Brasil é "quase tão longo" quanto o de 134 respostas a um censo de 1976 perguntando a pessoas para definirem {k0} cor de pele. Quando a tradição do Carnaval (*carne vale* - adeus carne, para a Quaresma) começou nos anos 1890, "as autoridades brasileiras tentaram manter um lid nas africanos se juntando demais exuberantemente". Da mesma forma, os generais, quando se trata de música Tropicália após o golpe de 1964: Gilberto Gil e Caetano Veloso foram presos, então fugiram para se enquadrarem {k0} Notting Hill.

Joe Boyd.

Há "escalas, melodias, ritmos, instrumentos e contos populares todos girando {k0} volta desse vórtice atlântico-médio", escreve Boyd. Ele cita o maravilhoso baterista nigeriano Tony Allen, depois de ouvir bebop: "Nós deveríamos ter estado tocando... assim na Nigéria. Depois de tudo, isso originalmente veio de lá. Eles levaram, foram para as Américas, poliram e enviaram de volta para nós na África." "O diálogo", acrescenta, "era quase inteiramente entre africanos e seus primos distantes, cujos antepassados haviam sido levados {k0} correntes dessas mesmas terras. Seus descendentes haviam impulsionado e provocado o 'mundo desenvolvido' {k0} modernidade musical; agora era a vez da África."

A música de Ravi Shankar dominou as escalas modais indianas nas quais "a sequência de notas usadas enquanto sobe sempre difere das usadas no caminho para baixo" e que não estão limitadas a o que a música ocidental chama de tons inteiros ou meio-tons. Quando chegaram a Nova York, John Coltrane infundiu *My Favorite Things* com modos indianos e seu épico *India* foi "baseado {k0} uma melodia folclórica Rajasthani". Shankar cativou o Ocidente, encontrou-se com George Harrison e Yehudi Menuhin, mudando a vida deles e a música muito além deles.

Um capítulo explorando a música russa e do leste europeu encontra Boyd no festival de Koprivshitsa na Bulgária: "um espetáculo impressionante: tão longe quanto eu podia ver, havia florestas e prados cheios de multidões {k0} roupas tradicionais coloridas selvagens. Oito palcos estavam espalhados pelo platô, cada um representando uma diferente distrito." Mas no retorno de Boyd a Koprivshitsa após a queda do comunismo, "bandas de casamento tocavam um híbrido de batidas simplificadas sérvias e Thracian {k0} um volume ensurdecidor".

A decepção cita um tema importante no pensamento de Boyd, pós-Newport. Todo o livro, ele é parte de {k0} história. E como escritor e produtor, ele insiste que a música deve ser executada e ouvida com o mínimo de transporte tecnológico. Quando produz a banda búlgara Balkana, ele convence os cantores a se reunirem {k0} torno de um único microfone, porque "harmonias se misturam muito melhor no ar do que {k0} transistores de uma mesa de mistura". Durante a conclusão do livro, refletindo sobre como a música informa a memória, Boyd protesta que "um ritmo gerado por computador se sente completamente diferente de um criado {k0} tempo real por humanos".

A música {k0} livro de Boyd é frequentemente um meio de sedução, e às vezes libertação carnal do puritanismo, principalmente Protestante ou Muçulmano. Mas a música carnal, e música da terra, também alcançam o sublime: Boyd encontra música expressando sincretismo entre crenças religiosas - Afro-Cubanos, brasileiros da Bahia e escravos no sul americano "encontrando paralelos convenientes entre Santos cristãos e seus próprios Deuses", com espiritualidade fácil, mas complexidade musical.

Acima de tudo, este livro é sobre música como alívio da opressão. Na África do Sul, "com todos os esforços para amenizar a dureza do governo branco frustrados, o canto se tornou a expressão

da raiva, esperança, miséria e alegria africana... o canto se tornou a arma de escolha". Boyd cita Hugh Masekela: "O governo desprezava nossa alegria." Contrariamente, a URSS precisava destruir a música folk profunda precisamente porque constituía a identidade camponesa: "ninfas da floresta se transformaram {k0} tratores... A solução soviética foi drenar toda a vida de formas musicais que não podiam compreender."

Um dos carcereiros de Veloso disse-lhe que "ele considerava as desconstruções dos Tropicálistas uma ameaça muito maior do que qualquer agitação de esquerda". "Exibit A", escreve Boyd, "em caso de resiliência humana diante de horror inconcebível, para {k0} capacidade de criar beleza {k0} face da monstruosidade, são os sons extraordinários criados por músicos congolezes enquanto {k0} terra era sendo saqueada."

O livro de Boyd é, portanto, o Proust da história da música - *à la recherche* de muita música perdida, aqui recuperada e afirmada {k0} nosso presente.

comentário do comentarista

Joe Boyd: a Vast Volume of Music History

O produtor musical renomado Joe Boyd foi o primeiro gerente de produção a conectar Bob Dylan a um violão elétrico, no festival de folk de Newport {k0} 1965. Ele se lembra de Pete Seeger se afastando com desgosto. Quando entreviste Boyd meio século depois, ele disse, para minha surpresa, que havia chegado a entender a resposta de Seeger. A coleção de discos de Boyd era uma pista do porquê: amplamente arranjada {k0} ordem alfabética por país, distante e amplo. Índia, Indonésia, Irã...

Após produzir Pink Floyd, Eric Clapton, Fairport Convention, Nick Drake etc, Boyd direcionou {k0} atenção para a música além do horizonte, derivada dos rituais e raízes de quem a faz. O culminar da jornada vitalícia de Boyd {k0} busca de tal música é este volume vasto, {k0} que cada parágrafo está repleto de informações e inspiração - mas escrito com um toque leve refrescante.

Em quanto a música é uma expressão do mundo humano - nossas aspirações, tribulações e celebrações - este é um história desse mundo, contada através da música. E embora a música possa derivar da herança, ela é, por definição, "sem fronteiras", e o livro explora "como ritmos, escalas e melodias fluíram pelo globo, constantemente alterando o que o mundo dançava e ouvia". Especialmente através do Passage do meio do Atlântico: um fio condutor explica como muita grande música foi criada {k0} defiance dos horrores brutais da colonialismo e escravidão. Caetano Veloso (esquerda, sentado) e Gilberto Gil, 1977.

Depois que Cuba se tornou o eixo das Américas colonizadas, "a música afro-cubana repercutiu {k0} todas as direções". A *zaraband* e *chaconne*, "marcadas como importações lascivas 'Negro' quando primeiro ouvidas {k0} Sevilha", foram "transformadas {k0} modelos polite apropriados para Bach e Handel". Mais tarde, {k0} Nova Orleans, "forças múltiplas estavam se reunindo... para criar a trilha sonora da primeira metade do século 20 do hemisfério ocidental". Inovações europeias baseadas {k0} experimentos harmônicos encontraram polirritmos novos para eles, mas séculos velhos na África. O que a Europa chamava de síncope havia sido, desde então, uma "maneira africana de perceber tempo". A descrição de Boyd de Dizzy Gillespie cruzando esse "abismo de ritmo" é eletrificante.

Um inventário de instrumentos musicais no Brasil é "quase tão longo" quanto o de 134 respostas a um censo de 1976 perguntando a pessoas para definirem {k0} cor de pele. Quando a tradição do Carnaval (*carne vale* - adeus carne, para a Quaresma) começou nos anos 1890, "as autoridades brasileiras tentaram manter um lid nas africanos se juntando demais exuberantemente". Da mesma forma, os generais, quando se trata de música Tropicália após o golpe de 1964: Gilberto Gil e Caetano Veloso foram presos, então fugiram para se enquadrarem {k0} Notting Hill.

Joe Boyd.

Há "escalas, melodias, ritmos, instrumentos e contos populares todos girando {k0} volta desse vórtice atlântico-médio", escreve Boyd. Ele cita o maravilhoso baterista nigeriano Tony Allen, depois de ouvir bebop: "Nós deveríamos ter estado tocando... assim na Nigéria. Depois de tudo, isso originalmente veio de lá. Eles levaram, foram para as Américas, poliram e enviaram de volta para nós na África." "O diálogo", acrescenta, "era quase inteiramente entre africanos e seus primos distantes, cujos antepassados haviam sido levados {k0} correntes dessas mesmas terras. Seus descendentes haviam impulsionado e provocado o 'mundo desenvolvido' {k0} modernidade musical; agora era a vez da África."

A música de Ravi Shankar dominou as escalas modais indianas nas quais "a sequência de notas usadas enquanto sobe sempre difere das usadas no caminho para baixo" e que não estão limitadas a o que a música ocidental chama de tons inteiros ou meio-tons. Quando chegaram a Nova York, John Coltrane infundiu My Favorite Things com modos indianos e seu épico India foi "baseado {k0} uma melodia folclórica Rajasthani". Shankar cativou o Ocidente, encontrou-se com George Harrison e Yehudi Menuhin, mudando a vida deles e a música muito além deles.

Um capítulo explorando a música russa e do leste europeu encontra Boyd no festival de Koprivshitsa na Bulgária: "um espetáculo impressionante: tão longe quanto eu podia ver, havia florestas e prados cheios de multidões {k0} roupas tradicionais coloridas selvagens. Oito palcos estavam espalhados pelo platô, cada um representando uma diferente distrito." Mas no retorno de Boyd a Koprivshitsa após a queda do comunismo, "bandas de casamento tocavam um híbrido de batidas simplificadas sérvias e Thracian {k0} um volume ensurdecedor".

A decepção cita um tema importante no pensamento de Boyd, pós-Newport. Todo o livro, ele é parte de {k0} história. E como escritor e produtor, ele insiste que a música deve ser executada e ouvida com o mínimo de transporte tecnológico. Quando produz a banda búlgara Balkana, ele convence os cantores a se reunirem {k0} torno de um único microfone, porque "harmonias se misturam muito melhor no ar do que {k0} transistores de uma mesa de mistura". Durante a conclusão do livro, refletindo sobre como a música informa a memória, Boyd protesta que "um ritmo gerado por computador se sente completamente diferente de um criado {k0} tempo real por humanos".

A música {k0} livro de Boyd é frequentemente um meio de sedução, e às vezes libertação carnal do puritanismo, principalmente Protestante ou Muçulmano. Mas a música carnal, e música da terra, também alcançam o sublime: Boyd encontra música expressando sincretismo entre crenças religiosas - Afro-Cubanos, brasileiros da Bahia e escravos no sul americano "encontrando paralelos convenientes entre Santos cristãos e seus próprios Deuses", com espiritualidade fácil, mas complexidade musical.

Acima de tudo, este livro é sobre música como alívio da opressão. Na África do Sul, "com todos os esforços para amenizar a dureza do governo branco frustrados, o canto se tornou a expressão da raiva, esperança, miséria e alegria africana... o canto se tornou a arma de escolha". Boyd cita Hugh Masekela: "O governo desprezava nossa alegria." Contrariamente, a URSS precisava destruir a música folk profunda precisamente porque constituía a identidade camponesa: "ninfas da floresta se transformaram {k0} tratores... A solução soviética foi drenar toda a vida de formas musicais que não podiam compreender."

Um dos carcereiros de Veloso disse-lhe que "ele considerava as desconstruções dos Tropicálistas uma ameaça muito maior do que qualquer agitação de esquerda". "Exhibit A", escreve Boyd, "em caso de resiliência humana diante de horror inconcebível, para {k0} capacidade de criar beleza {k0} face da monstruosidade, são os sons extraordinários criados por músicos congolezes enquanto {k0} terra era sendo saqueada."

O livro de Boyd é, portanto, o Proust da história da música - *à la recherche* de muita música perdida, aqui recuperada e afirmada {k0} nosso presente.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: {k0}

Palavras-chave: {k0} - 2024/10/10 Notícias de Inteligência ! (pdf)

Data de lançamento de: 2024-10-10

Referências Bibliográficas:

1. [aposta ganha 5 reais gratis](#)
2. [download zebet ng](#)
3. [freebet bwin auszahlung](#)
4. [sportingbet bet365 ao vivo](#)